



Sexualidade ou sexualidades? Gênero ou Sexuação?

Enrique R. Torres: Córdoba, Argentina; agosto 2020

Tradutor: Professor Sirlei Reginatto, Buenos Aires, Argentina.

?Cabe distinguir sexualidade de gênero. Sexualidade é a princípio um singular; o gênero admite o plural; de fato, seu número é crescente, aparentemente ilimitado. Sexuação é um termo inventado por Lacan para estabelecer, segundo uma nova lógica, as determinações e as diferenças entre os sexos. A lógica usada se afasta tanto do enfoque biológico: -(homem-mulher prolongariam a distinção somática macho-fêmea)-, como do culturalista: -(a distinção se daria pela assunção de características ou funções que socialmente caracterizam e diferenciam homens e mulheres). A teoria de gênero se aproxima ou deriva desta última, com ênfase na distribuição e usos-abusos do poder.

?A teoria de gênero impugna ao sexo como algo natural, enfatizando o modo de ser percebido ou de se perceber a si mesmo como determinantes. Freud faz isso ao substituir instinto por pulsão, e instala uma palavra que não existia anteriormente: sexualidade.

?Em ambas as teorias, o posicionamento sexual é o resultado de um processo. Mas enquanto a teoria de gênero enfatiza nas identificações, a de Freud enfatiza além disso as vicissitudes da pulsão, e Lacan a teoria do gozo.

?A implantação da linguagem varre com a identidade biológica, determina o sujeito do inconsciente e proporciona o suporte simbólico para a identificação primordial operante na fase do espelho. A consagração dessa imagem como a própria é determinada pelo assentimento do Outro, a mãe. É porque não há identidade que tenha identificações.

?Além disso, há uma discrepância de estrutura entre essa imagem identificatória unitária do ego, e as pulsões, sempre parciais e afins à satisfação, basicamente auto-erótica. Tanto as escolhas do amor como as respostas do gozo são quase sempre surpreendentes e inesperadas e, muitas vezes discrepantes com as aspirações do ego.

?O inconsciente conhece apenas uma inscrição sexual, a fálica, a qual é equivalente à castração que, em sentido amplo, implica a perda do gozo e a causação do desejo. A ausência de uma inscrição inconsciente do sexo feminino situa a este como um real que não reconhece nenhuma subordinação ao significante e é ao mesmo tempo portador de um gozo estranho, órfão de palavras e falta de modelo, carente de toda ancoragem no simbólico. Assim, a diferença sexual desde Lacan não está nem na anatomia nem no cultural, senão em uma lógica do gozo. No posicionamento sexual, isto é, na sexuação, distingue-se por uma parte o gozo fálico, parcial e fragmentado por estar apalavrado e por isso mesmo difundido em todas as atividades humanas como sócio infalível dos assuntos do ter e do poder. A posição masculina, dispõe do gozo limitado ao órgão peniano, enquanto que sua faixa de gozo não exceda ao gozo fálico; mas este gozo de nenhuma maneira está ausente da posição feminina; ela tem igualmente acesso a esse gozo parcial. Na mulher, entretanto, a sexualidade não se esgota entorno a esse gozo recortado que é o fálico, porque ela se inscreve 'Não-toda' nele: é também portadora, sem que o saiba, mas com a potencialidade de vivê-lo, desse Outro gozo, real, suplementar, impossível de ser calibrado nem medido por nada simbólico.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



A sustentação desta diferença é crucial. O discurso capitalista, coligado com o da ciência, opera sobre o princípio de ‘para todos a mesma coisa’, quer dizer aspira à homogeneização dos gozos, que promete colmar mediante o suprimento renovado dos objetos do mercado, gadgets. Um superego aparentemente permissivo impõe, por sua vez, uma feroz instigação ao gozo e ao rendimento, sob o lema ‘você pode’. Finalmente, um breve comentário sobre a violência. Está relacionada geralmente com a não aceitação dos impossíveis impostas pela estrutura. Uma é a referida ao desconhecimento ou rechaço da diferença sexual em relação aos gozos. A outra é a que, no discurso como laço social, nega a disjunção entre o lugar da verdade e o da produção. Por não poder me explicar, vejamos um exemplo no discurso da histeria: ‘ela’ demanda ao Amo (médico) a produção de um saber, sempre falido como saber de gozo que está no lugar da verdade; o forçamento dessa impossibilidade está na gênese da violência. Para continuar com o exemplo, (sem mencionar caça às bruxas), pensemos somente nas manipulações e humilhações que em nome do saber médico (de seu tempo) foram infligidas ao corpo das pobres históricas..., até que chegou Freud e soube desvendar a verdade do gozo que jazia nos seus sintomas.